NUMERO 22. ANNO 1848.

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

ESTUDOS SOBRE CABO VERDE.

(*Continuado do n.° 20.*)

III

O que é hoje o Clero. — O Cabido. — As congruas. — Cinco melhorias. — Os Jesuitas. — Os Capuchos. — O que eram uns e outros. — A Sé. — O amor é uma náu, &c. — Perigo de ouvir missa por detraz da amazia de um Padre. — Divisão ecclesiastica do Archipelago. — Notas.

E' um facto bem deploravel, e infelizmente bem certo, que o clero não é hoje o que fôra em outro tempo! talvez que algumas pessoas tomem isso por um progresso, mas eu lamento-o do fundo do coração. E' verdade que hoje não apparecem aquellas dissenções profundas entre o governo temporal e a Igreja; e os que sómente olham para as apparencias podem ter razão para se alegrarem: mas quando me lembro que essa pacificação coincide com o apparecimento da ignorancia, da desmoralisação, e quasi diria que da incredulidade religiosa, de que se acha infeccionada uma grande parte do clero, chego a ter pena de que essas dissenções tenham completamente desapparecido d'aquella provincia.

D'antes, no meio das luctas, em que, como já disse, nem sempre o clero tinha razão, erguia-se magestoso um mobil, um pensamento, que era o maior lustre da religião, uma fé ardente, talvez pouco exclarecida, porém sempre acredora de respeito, que impellia bispos e clero a affrontarem o martyrio no meio da gentilidade da costa vizinha, ou as perseguições da auctoridade temporal no meio das suas Igrejas: hoje o que é que vemos?....

N'outro tempo nem sempre erão irreprehensiveis, se as olharmos do seculo em que vivemos, e sob o imperio das idéas que hoje dominam, as diligencias dos bispos e do clero para manterem a integridade dos direitos da Igreja; mas os desvios em que por ventura caiam na melhor fé, parece-me que são amplamente compensados pelos beneficios, que as acompanhavam: a decencia e a honestidade no trato e no vestuario; uma tal ou qual instrucção religiosa e litteraria, que domesticou os costumes selvagens dos habitantes das ilhas, e finalmente a antiga ferocidade e luxuria de costumes, que das tribus africanas se tinham transplantado para o archipelago, e que foram substituidas pela actual amenidade e doçura; é a essas diligencias que se devem. E' a esses mesmos desvios que devemos agradecer aquelles melhoramentos, que não progrediram apenas cessaram as luctas, cedendo o logar ás miserias que estamos vendo.

E' porém muito melancolico este assumpto para que nelle me detenha; passarei, por isso, sobre estas considerações e sobre o que era o clero, como instituição, para só me occupar de sua historia, como corporação.

[illegible] colonia elevada a diocese por bulla do Papa Clemente 7.°, de 3 de Novembro de 1532, que a fez suffraganea da Sé da Ilha da Madeira, que tinha sido creada em 1514, vindo por conseguinte a ser o bispado de Cabo-Verde o segundo que Portugal teve fóra do Continente. O cabido foi composto de 17 capitulares, cinco dos quaes eram as dignidades, a saber: deão, chantre, arcediago, thesoureiro mór, e mestre escola, as quaes tinham a congrua de 16$ annuaes, e os demais conegos a de 12$ réis.

Este cabido tinha o privilegio de isento por ser de erecção anterior á acceitação do Concilio Tridentino; e nessa qualidade nomeava todos os annos dous deputados do seu seio para com o vigario geral entenderem nas causas criminaes dos ecclesiasticos, e nas de *mixti-fori*. Este privilegio caducou, porque a legislação moderna o aboliu com todos os outros, que se oppunham ao novo systema, que não consente que o Estado seja vassallo da Igreja.

A jurisdicção do bispo abrangia, além do Archipelago, as freguezias de Rio de Nuno, Japonga, Serra Leoa, Gambia, e posteriormente Cacheo, Bissáo e suas dependencias; hoje porém está muito mais reduzida pelos motivos que ninguem ignora.

O primeiro bispo, D. Braz Neto, que nunca foi á diocese, tinha de congrua 200$ réis annuaes.

No tempo do terceiro bispo D. Fr. Francisco da Cruz, que foi nomeado com a congrua de 400$ réis, creou-se um thesoureiro menor, ou sachristão para a

Sé com a congrua de 10$ réis annuaes, e mais 16$ para farinha e vinho, e tambem 4 capellães cantores com a congrua de 10$ réis cada um; 4 moços do côro com 6$ réis; mestre de capella, e organista com 16$ réis cada um, &c.

Durante o governo deste bispo, teve o cabido duas melhorias de vencimento: — uma em 1555 (12 de Março) pela qual foi a congrua das dignidades elevada a 20$ réis, e a dos conegos a 16$: — a outra em 1560 (24 de Janeiro), pela qual ficaram as dignidades com 30$ réis, e os conegos com 26$ réis; determinando-se por Alvará de 8 de Maio de 1562, que as prebendas dos ausentes revertessem a favor dos que foram assiduos aos officios divinos; e assim se praticou sempre, mesmo a respeito das dos que tinham fallecido, até que em 1836 o Sr. Artiaga fez cessar esse costume, fundando-se, penso eu, em que a lei não fallava nas prebendas vagas por morte dos que as possuiam.

Já no anno de 1561 se haviam fixado em 12$ réis as congruas dos parochos da Ilha de Sant-Yago (que eram 9) (1).

Foi ainda por diligencias deste bispo que se estabeleceram as missas chamadas do Infante D. Henrique, pelas quaes se pagava 60$ réis em dinheiro, ou 6 peças d'escravos, a titulo d'esmola.

Durante o governo do bispo D. Fr. Pedro Brandão foram novamente melhoradas as congruas do mesmo, que se elevou a 600$ réis annuaes, e as do cabido, que passaram a ser — para cada dignidade de 45$ réis, e para cada conego 40$ réis, como consta do Alv. de 2 de Fevereiro de 1588; assim como por outro de 10 de Junho de 1609, forão ainda augmentadas, a esmola das missas, que passou a ser de 70$ réis por anno, e as congruas que se fixaram para as dignidade em 80$ réis, para os conegos em 70$, para os capellães em 20$, e para os moços do coro em 10$ réis: afora outras muitas disposições a favor das fabricas da Sé, e das Igrejas Parochiaes, cujos vigarios tambem forão augmentados em congrua, que passou a ser de 40$ réis para cada um.

E finalmente por Alv. de 12 de Janeiro de 1743, sendo bispo D. Fr. João de Moreira, foram as congruas do cabido estabelecidas como hoje se acham: a cada dignidade 120$ réis, a esmola e obrigação das missas affecta ao deão; a cada conego 100$ réis; a cada capellão 40$ réis; a cada moço do côro 15$; ao bedel 12$; ao mestre da capella, e ao organista 30$ réis a cada um; ao mestre de moral 80$ réis, e ao de grammatica 60$ réis. Ao bispo 1:000$ réis com obrigação de pagar ao seu provisor, e vigario geral.

No anno seguinte ainda houve um novo augmento a favor dos bispos, e foi ordenado por provisão de 5 de Março de 1744, que lhes elevou a congrua a 1:300$ réis annuaes com a mesma obrigação já referida: até que em fim, por outra provisão de 22 de Fevereiro de 1754, que as instancias do bispo D. Fr. Pedro Jacintho Valente obtiveram da amizade do Marquez de Pombal, foram as gratificações do provisor e do vigario geral pagas pelo Estado, que para esse fim consignou uma verba de 200$ réis annuaes; cessando por consequencia a obrigação em que estavam os bispos de pagar-lhes de sua congrua.

Pelo anno de 1604 vieram a Cabo-Verde tres jesuitas, que se estabeleceram com um seminario na Igreja da Conceição, e d'alli começaram as suas missões, com tal aproveitamento, que alguns mancebos candidatos ao sacerdocio entregaram-se á sua direcção, pelo que se tornou estreito o logar que occupavam, e foram por isso fazer casa no logar de S. Domingos, freguezia de S. Nicolau Tolentino, n'um sitio que desta casa tomou o nome de *Collegio*, nome que conserva ainda hoje apezar de não existir já a casa.

Mas não se demoraram alli muito os jesuitas: ou fosse frieza no antigo fervor, ou fosse o medo de uma morte dolorosa e inutil para a Religião, ou para a sua ordem; o que não admitte duvida é que se retiraram para Portugal, abandonando aquelle clima, e deixando entregues a si mesmos os seus discipulos, que se não poderam conservar a disciplina de sua regra, não deixaram com tudo perder de todo a lembrança de seus antigos mestres, de que ainda hoje o povo se recorda, posto que mui confusamente.

Não pude saber ao certo o numero de annos que estes padres alli se demoraram; mas observo que não foi curto, porque tiveram tempo de dar os nomes de *Seminario* e de *Collegio* aos dois edificios que tinham occupado.

Pela morte do bispo D. Lourenço Garro em 1646 grandes foram as necessidades da igreja de Cabo-Verde, que foi conservada em viuvez até 1673, porque os papas Innocencio 10.° e Alexandre 7.° influidos por Castella deixaram de prover nesta e n'outras Sés, de sorte que era já tão diminuto o numero dos sacerdotes, que foi necessario que a piedade de D. João 4.° mandasse ir frades capuchos (a quem deu a esmola de 4$ cruzados), para que não houvesse interrupção na administração dos sacramentos.

Com effeito foram os frades capuchos, no anno de 1656, munidos de uma ordem para se lhes construir um convento na cidade, e dous hospicios, um em Bissáu e outro em Cacheo: e por effeito dessa ordem foi a primeira pedra do convento lançada no anno seguinte (2).

(1) Parecerá extranho a quem souber que depois desta epoca se crearam mais tres freguezias na Ilha de Sant-Yago; uma com a invocação de *Nossa Senhora do Rozario*, na cidade; outra com a de *Santissimo Salvador do Mundo*, nos Picos; e a terceira com a de *Santa Catherina*, no Matto; que eu mencione actualmente apenas 11 freguezias, tendo declarado que existiam 9 neste anno de 1561: mas isso procede de que com a decadencia da cidade foi extincta a freguezia de *Nossa Senhora do Rozario*.

(2) Para se construir este convento houve de comprar-se, não me lembra agora exactamente a que morgado, mas pa-

Ao principio tornaram-se realmente benemeritos estes frades; mas pouco tempo durou o seu fervor. Enriquecidos com grandes favores e privilegios fiscaes, tanto os frades do convento da cidade, como os dos hospicios de Guiné, do que menos cuidaram foi dos assumptos religiosos; o trafico do marfim, da cera, do ouro, e principalmente o dos escravos, attrahiu exclusivamente as suas attenções todas: queriam enriquecer para voltarem para a Europa — nada mais lhes importava.

Nem podia ser de outra sorte: o convento de Cabo Verde ao cabo de poucos annos passou a ser um presidio para onde se mandavam da Europa os frades mais devassos e incorrigiveis: os hospicios de Guiné eram meras feitorias onde os frades iam mercadejar. Causam horror as vexações que estes frades faziam soffrer aos christãos de Guiné, que, diziam elles, iam pastorear, mas que realmente só iam expoliar! As devassidões dos frades da cidade causam desgosto, e repugnancia aos ouvidos religiosos!.... Não ha uma só cousa util a que esteja ligado o nome de um frade, assim como não ha torpeza de que pelo menos um não fosse o heroe.

E' a isso que eu attribuo a indifferença com que foi alli recebida a noticia da extincção do convento; assim como ninguem, até então, se tinha apercebido da solidão em que o mesmo se achava em 1833: isto n'um paiz que leva até ao excesso a sua veneração pela classe sacerdotal; quando, aqui, em Portugal, apezar de ser tamanho o numero dos máus frades, ainda hoje ha grandes simpathias a favor desta derrocada instituição.

Por theor mui diverso procedera o clero secular, assim como por mais tempo que o regular conservou uma rigidez de costumes digna de acatamento. As primeiras luzes da instrucção foi elle quem as accendeu em Cabo Verde, apezar do que em contrario se affirma nos *Ensaios Estadisticos* do Sr. Lopes de Lima, como a seu tempo mostrarei; foi elle quem adoçou os costumes dos habitantes das Ilhas de Santiago e do Fogo, assim como domesticou posteriormente os das outras ilhas; as primeiras estradas abriram-se com a sua voz e exemplo; foi elle quem ensinou as melhores construcções de predios e de paredes; e a elle se devem finalmente os exemplos e as inspirações patrioticas para a defensão do paiz, atacado pelos estrangeiros, e cobardemente abandonado pelas auctoridades militares.

Hoje, não é já o mesmo clero! e com grande sentimento me vejo obrigado a escrever que a sua degeneração começou com o apparecimento dos frades capuchos; e que por isso estou inclinado a attribuir-lhes a elles o primeiro fermento de relaxação, que o viciou!!

A Sé, que foi começada em 1687 pelo bispo D. Fr. Vitorino Portuense, e á sua custa, assim como do producto de algumas esmolas, esteve ameaçada de ruina até 1840: o conego Rodrigues mandou fazer, tambem á sua custa, as principaes reparações de que o templo carecia, e tambem alguns embellezamentos, nos quaes, segundo me informam, deve attender-se mais á intenção, que ao bom gosto com que foram feitos. Com tudo, é muito para agradecer e louvar esta resolução, que conservou ao culto mais uma igreja, que se não fosse elle viria fazer companhia ás outras ruinas que alastram o chão de Cabo Verde, sem que o governo da provincia podesse acudir-lhe, pois apenas tinha 300$000 réis annuaes que applicar a obras publicas!

Até aqui fallei do edificio; agora direi alguma cousa a respeito do cabido, que está supprimido de facto, pois apenas consta de dois conegos, um dos quaes é tambem thesoureiro mór, e de tres ou quatro capellães, que alli mantem as obrigações do coro, e as festividades do culto com muita decencia e a possivel dignidade; especialmente as da Semana Santa, a que, por falta de sacerdotes na Sé, são obrigados a concorrer todos os parochos da ilha, que pódem montar a cavallo, os quaes regressam no Sabbado Santo ás suas respectivas igrejas para nellas dizerem a missa do Domingo de Pascoa!!

Muitas vezes ouvi na Villa da Praia exprimir o desejo de que se supprimisse o bispado, ou pelo menos o cabido; e posto que tivessem alguma plausibilidade os argumentos de que se serviam os que desejavam a suppressão, eu não posso concordar com elles; e aproveito esta oportunidade para consignar aqui a minha opinião.

Não sou, nem serei nunca do numero daquelles que atacam uma instituição por causa dos homens: se tem havido alguns bispos e alguns conegos de má vida, e moral relaxada, egualmente tem havido governadores, juizes e secretarios prevaricadores e indignos a todos os respeitos de exercerem suas nobres funcções, e ninguem se lembrou de propôr a extincção delles: porque se ha-de proceder de outro modo a respeito do bispo e do cabido de Cabo Verde?

Quanto a mim, não póde deixar de haver bispo em Cabo Verde, e havendo-o (ainda que seja como o prelado de Moçambique) não póde deixar de ter padres que o assistam nas occasiões solemnes, como pontificaes, &c.; e como não é possivel que sejam os parochos, a quem se incumba isso, porque ou se havia de privar o bispo de celebrar nas grandes festas por

21.

---

rece-me que foi ao dos Mosquitos, uma casa e fazenda que elle possuia no sitio que os frades escolheram, obrigando-se a fazenda publica a pagar-lhe a pensão de 12$ réis annuaes; esta pensão, se a lembrança me não illude, foi paga regularmente até á extincção do convento, e profanação da igreja; sem que depois mais se pagasse. Com tudo este onus ainda subsiste, porque tendo sido auctorisado por Alvará Regio, não me consta que se tenha remido posteriormente a 1834.

Com tudo não assevero a exactidão destas informações, que estou escrevendo de memoria.

falta de padres, ou nesses dias se haviam de privar os fieis de uma grande parte da ilha, de ouvirem missa, e dos outros auxilios da religião, segue-se que não é possivel extinguir o cabido.

Eu opinaria antes porque se reduzisse o numero das dignidades e dos capitulares, que a uns e outros se augmentasse a congrua, augmentando-lhes tambem as obrigações, e que não se nomeassem conegos senão aquelles parochos, que por sua edade e cançasso no serviço de cura de almas, tivessem direito a uma reforma, que seria uma cadeira de conego. Assim não seria grande a despeza, e haveria conegos respeitaveis.

Pelo que pertence ao bispo, só direi, que é da maior necessidade que seja um homem apostolico, e letrado, e que tenha parochiado por espaço de annos.

A Sé está, como disse, reparada, mas outro tanto não posso dizer das demais igrejas, alguma das quaes já veiu a terra, e as restantes ou estão n'uma indecencia, cujo aspecto confrange o coração do homem religioso, ou não tem nem missaes, nem paramentos. Depois que o Sr. D. Fr. Jeronimo saiu da diocese, ha perto de 22 annos, introduziu-se tal relaxação nas ceremonias mais augustas da religião, que não é raro ouvir durante o canon da missa os chamados cantores entoarem modinhas indecentes, e ridiculas como por exemplo uma que começa assim:

« O amor é uma náu,
« Embarcaram-se amanhã, &c.

que no dia d'uma festa ouviram diversas pessoas dignas de todo o credito, que m'o contaram escandalisadas.

A devassidão dos costumes é hoje tal, que passa por cousa muito corrente em Cabo Verde que um padre viva maritalmente com uma mulher de portas adentro, o que entende o povo lhe é permittido! mas ao mesmo tempo julga que a missa que fôr ouvida por detraz da amazia d'um padre, não aproveita para a satisfação do preceito, ou para os suffragios!!

Com tudo ainda ha padres que honram a sua classe, e que são verdadeiros ecclesiasticos, uteis ao povo pela palavra tanto como pelo exemplo; destes o governo poderia colher muito proveito se a sua edade avançada, ou seus habitos modestos não os alongassem de toda a ambição.

Tem havido até hoje, naquella diocese 27 bispos (em cujo numero não comprehendo o padre Joaquim da Silva, que apenas foi governador do bispado), dos quaes 6 nunca alli foram; e posto que o Sr. Lopes de Lima, nos seus *Ensaios Estadisticos*, diga que são 7 os bispos que não sahiram do reino, tenho razões para me julgar melhor informado. Tambem elle ommittiu o nome do bispo D. Luiz de Miranda Pereira, e não se segue por isso que tal bispo não houvesse existido.

Cabe-me agora dizer alguma cousa sobre a divisão ecclesiastica do Archipelago, que é a seguinte:

A Ilha de Sant-Yago comprehende 11 freguezias, a saber:

No concelho da Villa da Praia:

Nossa Senhora da Graça, na Villa da Praia; está muito velha e com falta de paramentos e alfaias, mas a sua apparencia não é má.

Santissimo Nome de Jesus, que é a Sé, na cidade da Ribeira Grande; está em soffrivel estado pela razão já dita.

S. Nicoláu Tolentino, na ribeira de S. Domingos, é cuberta de côlmo, e está mui proxima a cahir tal é o seu estado de ruina: tambem sente grande falta de paramentos e alfaias.

Sant-Yago Maior, no sitio do mesmo nome: está como a antecedente.

Nossa Senhora da Luz, no sitio do mesmo nome: idem.

S. Lourenço, na ribeira dos Orgãos: idem.

No concelho de Santa Catherina:

Santissimo Salvador do Mundo, nos Picos, está muito arruinada: idem.

S. João Baptista, na ribeira da Antonia; está em bom estado, graças ao seu parocho, mas faltam-lhe egualmente paramentos e alfaias.

S. Miguel, está em máu estado, e não tem os objectos mais indispensaveis para o culto.

Santo Amaro, no Tarrafal: está ameaçando proxima ruina, e tem muita falta de paramentos.

Santa Catherina, no Matto: foi concertada ha pouco pelo parocho.

Na Ilha do Fogo, 4 freguezias, a saber:

Nossa Senhora da Conceição, na Villa de S. Filippe. E' boa igreja, mas carece de concertos grandes. Tem ricos paramentos, e 1 soffrivel orgão: as funcções fazem-se com muita decencia.

S. Lourenço, no sitio do mesmo nome. Está em bom estado, mas soffre as mesmas privações que as da Ilha de Sant-Yago

Nossa Senhora da Ajuda, no sitio dos Mosteiros: acha-se bastante arruinada, e não tem paramentos alguns.

Santa Catherina: está sem parocho: destelhada e completamente arruinada

Na Ilha Brava, 2 freguezias, que são:

S. *João Baptista*, na povoação; está bastante arruinada apesar de ter sido concertada em 1841 por esmolas, e dinheiro que emprestou o bispo eleito, e a capella mór quasi reedificada por conta do governo em 1846. Tem muita falta de alfaias, e de alguns paramentos indispensaveis.

Nossa Senhora do Monte, no sitio do Monte: estão em muito máu estado os madeiramentos, e faltam-lhe paramentos e alfaias.

Na Ilha de Santo Antão, 5 freguezias, a saber:

Nossa Senhora do Rozario, e Santo Antão, na Vil-

la da Ribeira Grande. Está muito arruinada; todos os altares lateraes do corpo da igreja, menos a capella do Santissimo Sacramento, estão destelhados: tem muita falta de paramentos e de alfaias..

Santo Crucifixo, no Cocoli: está bastante arruinada, e quasi a cahir: soffre as mesmas privações que a antecedente.

Santo Antonio, na Ribeira do Paul, foi concertada em 1842: soffre as mesmas privações que a anterior.

S. *Pedro Apostolo*, na Ribeira da Garça. Está fechada por falta de parocho, e muito arruinada.

S. *João Baptista*, na Ribeira das Patas. Está cahida completamente, e não tem paramentos.

Na Ilha de S. Vicente, 1 freguezia,

Nossa Senhora da Luz, na povoação. Estava destelhada e muito arruinada; foi concertada em 1845 por conta do governo, mas continúa fechada por falta de parocho.

Na Ilha de S. Nicoláu, 2 freguezias, que são:

Nossa Senhora do Rozario, na Villa da Ribeira Brava. E' a igreja mais rica da provincia em paramentos, ornatos e alfaias, e tem um bom orgão.

Nossa Senhora da Lapa, na Ribeira das Queimadas: está em máu estado, e faltam-lhe ornamentos e alfaias.

Na Ilha da Boa-Vista, 2 freguezias, a saber:

S. Roque, na povoação do Rabil: menos má igreja, que porém carece de concerto: faltam-lhe paramentos e ornatos.

S. João Baptista, no sitio do Norte: ameaça ruina, e soffre como a antecedente.

Na Ilha do Maio, 1 freguezia, que é:

Nossa Senhora da Luz, no porto dos Inglezes: estava a ponto de fechar-se em 1843, anno em que foi concertada por subscripção, mas pouco se melhorou. E' fechada com uma cancella por não ter porta, e faltam-lhe ornamentos, e alfaias (3).

Esta ilha contava em 1820 2 freguezias, uma das quaes estava no sitio do Pinoso; mas desabou em 1821, e nunca mais se reedificou, porque o povo alli é mui pobre, e o governo da provincia apenas tinha rendimentos para seis mezes em cada anno.

Em cada uma das ilhas, cabeça de concelho, ha um juiz foraneo, que é sempre o vigario da igreja Matriz, o qual tem junto a si um escrivão chamado do ecclesiastico; destes juizes ha appellação para o provisor, a quem são subordinados. A Ilha de Sant-Yago é exceptuada por ser alli que reside a Sé.

José Maria de Sousa Monteiro.

(3) Algumas destas igrejas rendem entre 400$ e 600$ réis; duas renderão perto de 800$ réis, e outras pouco mais de 200$ réis. Estas são a de S. Vicente e a da Sé; e aquellas são a de Santa Catherina na Ilha de Sant-Yago, e a de Nossa Senhora do Rozario em S. Nicoláu; porém a maior parte destes redditos são em generos. De todas as igrejas do Archipelago sómente são perigosas para a saude dos europeos, a da Sé, e a da Villa da Praia ambas na Ilha de Sant-Yago: a do Maio tambem não é boa

CONTRAFACÇÃO LITTERARIA.

O *Madeirense* jornal da Ilha entendeu que o fructo da intelligencia alheia era seu. Declarou os bens communs e apossou-se do lote que escolheu. *Odio velho não cança* mereceu a distincção fatal de servir de victima á sua voracidade litteraria. Lá se imprime e reproduz, como obra que nascesse da imaginação do redactor do *Madeirense* sem annuencia ou conhecimento de quem o escreveu; e com evidente damno de uma industria pelo menos tão sagrada como qualquer das que a lei protege declaradamente.

Sentimos profundamente que a *Epoca* no seu Romance dispertasse o apetite do nosso collega. Admiranos que escriptor como nós seja elle proprio quem rasgue os foros da nobre profissão das lettras e dê o exemplo de uma expoliação, que se funda unicamente na esperança da impunidade, e na falta de uma lei na verdade só limitativa do direito innato desta especie de propriedade, que não havendo disposição propria se deve reger pelo preceito geral, entrando no principio da propriedade commum.

Este facto é um argumento proximo da necessidade da lei de propriedade litteraria. Mas, já o declarâmos, a lei pouco proficua será se a não acompanhar uma convenção com o imperio do Brazil, onde a contrafacção é tão solta e inaudita como a do *Madeirence*. Confiamos que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros dedicando-se a este negocio obterá para o paiz uma vantagem importante e justa, e para si a gloria merecida de a ter promovido.

Resta-nos protestar em nome do direito de propriedade e como escriptores contra o abuso e expoliação de que fomos victimas. O facto diz mais do que a linguagem severa que estariamos auctorisados a usar.

O nosso collega da *Revista* advogou como sua a causa da EPOCA na contrafacção do *Madeirense*. Agradecemos-lhe este testemunho prestado ás lettras e á justiça com tanto desinteresse e sinceridade. E' na defeza de questões desta importancia que o talento se mostra util e pratico, e que a alliança dos que desejam reformas sensatas e verdadeiras se deve estreitar. A *Revista* e os outros collegas da imprensa podem contar, que a EPOCA ha-de tambem estar ao seu lado em objectos similhantes.

ADMINISTRAÇÃO PUBLICA.

Nada é tão facil como formular accusações geraes pelo entorpecimento, que paralisa entre nós o desen-

volvimento da industria e das artes dependentes della. Os males sentem-se e palpam-se a cada instante. A sua intensidade e extensão augmenta de anno para anno. Cada dia que foge sem remedio é um passo mais que se dá para a ruina, que de todos os lados parece ameaçar-nos.

São verdades inegaveis estas; estão na experiencia e no convencimento de todos; e a razão publica (com o admiravel instincto que illumina a intelligencia collectiva dos povos do mesmo modo que disperta as faculdades do homem) diante do perigo e á vista do naufragio implora um braço vigoroso, que tome o leme, e chama por um piloto que vença o temporal pela robustez da sua vontade, pela elevação do animo, e pela grandeza do genio. Como acontece depois de epocas trabalhadas e de catastrophes successivas o desalento e o cançaso tornou-se geral. Todos se acham fatigados de correr ao acaso em demanda das nebulosas regiões de um futuro, que nos prometteram e cuidámos tantas vezes tocar, e que sempre se esquivou fugindo.

Similhante á França depois do directorio, e a Roma ao findarem as grandes luctas de Sylla e de Pompeo, todos anceiam repousar-se; todos invocam a presença de um homem superior que lhes imponha a paz como Napoleão, ou feche a arena civil como Cesar. A necessidade de organisar o systema representativo, de organisar a victoria do principio constitucional penetrou no coração dos povos. Precizam restaurar as forças e recuperar pelo trabalho e pelo socego o que lhes roubou o conflicto quasi seguido desde 1810. Diante deste periodo de transição, que ninguem sabe o que encerra, e ao sahir de um passado cheio de padecimentos para entrar no futuro cujo destino esconde um véu, as nações como os individuos hesitam, olham em redor de si, e suspiram por um momento de pauza, que as deixe preparar para a modificação que principia.

Mas a causa que suspende a acção dos melhoramentos e condemna o paiz á immobilidade será simples, ou complexa? Os meios de a combater serão faceis, serão promptos? Bastará combater os symptomas para se debellar? Onde reside ella, de que provem? São tão varios os pareceres como as opiniões a este respeito. Querem uns descubrir a séde do entorpecimento social nos embaraços da agricultura e alludindo a uma doutrina famosa, ressuscitam alguns das axiomas de Quesnay e da escola dos economistas. Vêem a riqueza na terra e a esperança do erario na cultura della. Dai-nos a liberdade do solo e o ensino agricola, e nós vos pagaremos com usura o beneficio! exclamam com motivo os que assim pensam. A questão economica pela solucção dos problemas que envolve é indispensavel para se resolver a crise social em que estamos e entrarmos no estado ordinario.

Abri estradas; avisinhai provincias inteiras que mal se conhecem; communicai os homens e as producções; aproximai o consummidor do productor, e o mercado do consummo e ficai certos de que o successo ha-de corresponder á grandeza do esforço que empenharmos. O que nos mata é mais ainda a difficuldade das distancias e a carestia dos transportes, do que a falta de meios pecuniarios e a má organisação da propriedade. Produzimos e não vendemos. A uberdade é-nos tão fatal como a fome. Sem isto nada se conseguirá. E é rasoavel tambem este clamor que pede capitaes para fecundar o trabalho agricola dando livre e barata circulação aos seus productos; e tornando commum a todos os filhos da mesma patria o thesouro da sua industria.

Não é só ahi que reside o mal — acodem outros. As despezas são quasi todas improductivas. O Estado é avaro com as instituições fecundas, e prodigo em subsidiar as estereis. Correi o nosso orçamento e vereis que da agricultura, da industria, e das obras de estradas e pontes as primeiras nada teem, e as segundas apenas estão dotadas. Quem não semeia não colhe. Esparzistes ao acaso os recursos, e a esterilidade puniu a vossa obsecação! Deixais dormir as fontes de riqueza; deixaes definhar as tentativas de melhoramento; não vedes senão o funccionalismo; e cada anno o imposto vos avisa de que as faculdades contribuintes do paiz diminuem. Repartis pelas necessidades intellectuaes e phisicas do povo uma dotação incompleta, que para nada chega, e quereis que a providencia cultive por nós, que os milagres inventem a fertilidade que não sabeis semear?

E não falta de certo fundamento de razão a esta censura. A distribuição dos recursos publicos não contempla nas devidas proporções os interesses phisicos e intellectuaes da nação. O ensino theorico não é sufficiente. O ensino pratico póde-se affirmar que não existe. A agricultura não recebe auxilios nem estimulos. Ignoram-se as suas necessidades; ignora-se o estado e a proporção das diversas culturas; faltam até os elementos mais rudimentares para resolver as difficuldades que offerece a sua critica posição. Da industria quem não diz o mesmo? As obras de canalisação ou para a boa divisão das agoas ou para a facilidade das conducções nem sequer se riscam ou imaginam. Uma ou outra ponte que se concerta; algumas braças de estrada que se reparam; uma barra que se tenta melhorar, tudo lenta e difficultosamente, contituem a acção dos trabalhos publicos, condemnados a esta falsa posição pela escacez das suas dotações, e talvez pela organisação pouco adequada á actividade e desenvolvimento, que este ramo adquiriu modernamente entre as nações cultas.

Enganais-vos; — exclamam finalmente algumas opiniões. O imposto sobre tudo é quem paralisa a riqueza geral e adormece a actividade do trabalho. A agricultura não póde com as contribuições que a ferem. O tributo por differentes vias affecta o cultivador e peza sobre a propriedade. Toma diversas fórmas, mas na essencia é sempre o mesmo. O estado absorve o

lavor da agricultura e não dispende em a proteger nem um obolo só. Todas as creações apparatosas são pagas pela terra; é a ella que se recorre para saldar os *deficits*, e todavia vai em trinta annos que pouco ou nada obteve para se melhorar.

Deixai respirar a lavoura; equilibrar as receitas com as despezas; estudai melhor as posses da cultura para proporcionar o sacrificio ás suas forças, e vereis a fertilidade que vos recompensa. Toda a ruina está na acção destruidora do imposto. Organisai a contribuição predial; regulai a industrial e sumptuaria; e reformai o vosso máu systema de contribuições indirectas. Tudo mudará de aspecto. Creai receitas e não sonheis o impossivel, querendo inventar riqueza para o thesouro quando as faculdades do paiz que o sustentam empobrecem por diversas causas.

E é exacta ainda em grande parte esta observação. O imposto desegual e lançado ao acaso fere cegamente as culturas nascentes, as que já a custo luctam, e as que podem subsistir. O arbitrio suppre a regra; a avaliação mal existe; a razão economica nem se ouve nem se admitte. A administração de fazenda revolve-se em um cahos — onde o thesouro recebe pouco, o rico quasi nada paga, e o pouco abastado carrega com o supprimento das immensas falhas causadas á receita pela protecção dos lançadores, e pela influencia dos collectados. Sempre que a vontade do homem substituir o preceito inflexivel e equitativo da lei — o abuso e a injustiça hão-de triumphar.

Os resultados são tão evidentes como incontestaveis. O imposto mal distribuido não perdôa senão á riqueza; o patronato soccorre o abuso; e as culturas que para prosperarem carecem de ser aliviadas pela consideração do economista e pela sensata conveniencia do financeiro enfesam e morrem debaixo da vara fiscal do imposto, extinguindo-se totalmente assim uma fonte de rendimento que tratada d'outra forma viria a ser importante.

Mas no meio de tanta diversidade de opiniões qual é a verdadeira? Qual dellas descarna a raiz do mal e o corta no seu progresso? Será a que pede a organisação da propriedade e a protecção da lavoura inclusivamente ao monopolio? Será a que deposita na abertura das arterias da circulação chamadas estradas e canaes toda a sua esperança? E' a que requer mais equitativa repartição nas despezas publicas, sollicitando para os interesses phisicos e intellectuaes a dotação que lhes falta quasi? Será em fim a que acusa o imposto de todas as desgraças, e vê na resolução do problema financeiro o remedio espontaneo para todos os padecimentos sociaes? Tomado em abstrato, discutido em todas as hypotheses praticas qualquer destes systemas responde triumphantemente a tudo, e satisfaz ao que se espera delle?

Parece-nos que não. Uma difficuldade inicial, que a doutrina esquece no seu enthusiasmo, aguarda na execução a todos os systhemas que se ensaiam. Todos elles contam com uma força que lhes é indispensavel, porém que não existe. Esta força é o paiz; é a cooperação de toda a sociedade sem a qual a obra que se riscou não passa do desenho. Com a administração que ha nenhum melhoramento se póde realisar. A séde do entorpecimento está na inercia e na acção opposta dos elementos administrativos, cuja viciosa organisação repugna a acompanhar o desenvolvimento das forças sociaes. O defeito desta organisação incompleta é o culpado de faltar unidade e cooperação a qualquer plano por mais bem concebido que seja.

Se um architecto executando um edificio antes de assentar o alicerce e de erguer as paredes tentasse crear a cupola, suspendendo-a nos ares, quem deixaria de o accusar de loucura? E' todavia o que tem acontecido aqui em todas as nossas modificações administrativas. Principiou-se pelo fim; começou-se pelo vertice antes de haver base. Eis a razão porque ha tantos annos todas as reformas, todos os progressos abortam á nascença. São idilios ou odes ás artes e á industria — puras glozas de um mote que ficou de todo o sempre nos innocentes desejos dos seus imaginadores!

E entre tanto bastava vêr que todos os exforços tem sido impotentes, que as melhores idéas voaram só á superficie sem nunca germinarem para se reconhecer que uma causa geral e continua mata a semente ao cahir no sulco. Bastava notar a confusão, e a incerteza que reina em todas as relações economicas e financeiras para descubrir a origem do mal onde ella reside. Quando um systema na esphera da administração nem auxilia nem uniformisa o pensamento governativo, na esphera das reformas economicas não coopera antes embaraça, e na acção financeira complica e degenera pela execução todas as providencias — o erro e o vicio, a nullidade e o desastroso influxo delle estão provados. Resta só estudar o modo de remediar o mal, e de restituir a ordem ao Estado, que este aballo permanente dilacera e desmembra.

A reforma da organisação administrativa deve ser a base de todos os melhoramentos. A boa e logica divisão do territorio é o fundamento essencial desta reforma. Em quanto o concelho, que representa a unidade na administração, não tiver a vida e os recursos indispensaveis inutil será traçar planos que hão-de morrer na execução. Se a voz e o pensamento das administrações não chegar ás localidades, ou não fôr entendida nellas, o que esperam ou o que querem que succeda?

Uma boa divisão territorial fundada nos interesses justos dos locaes, nas limitações naturaes do solo, e na sympatia moral (e quanto fôr possivel economica dos povos) é a base. A reducção dos concelhos calculada sobre estes principios no que respeita á parte geographica, — regulada de modo que proporcione ao municipio os necessarios meios de subsistir e de prehencher os importantes deveres, que lhe incumbem na

que toca á parte economica — será a consequencia fecunda do primeiro passo. Deem ao concelho a extensão, a vida, e as forças de que precisa e ha-de alargar-se de si mesma a esphera da sua influencia; e sem exforço obterão o que até agora custava quasi como vexame e tyrannia. Sem a cooperação municipal, sem a sua perfeita organisação economica e administrativa não ha governo possivel; não ha execução sincera e verdadeira. Tudo enfeza ou morre truncado e defectivo.

As nossas reformas prendem nisto — ou tratem de trabalhos publicos, ou curem de regularisar o imposto. Sem caminhos vizinhaes e de districto, veias internas por onde a vida do paiz aflue á grande circulação das estradas estas de pouco servirão. Sem auctoridades illustradas e responsaveis, que entendam os deveres do seu cargo, e não desvirtuem o poder que se lhe delega, debalde se tentará estabelecer a contribuição sobre a dupla base da avaliação equitativa e da egualdade proporcional. Ora a multiplicidade de agentes impede as boas escolhas, torna impossivel a exigencia de habilitações e o grande systema de não admittir funcções não subsidiadas, e embaraça o preceito da responsabilidade e o processo de a verificar. A multiplicidade de concelhos rachiticos enfeza-os no seu desenvolvimento, esmaga-os com encargos que não pódem supportar, leva-os a consumir em despezas estereis todos os recursos, e a gemerem debaixo do pezo de um *deficit* que todos os annos augmenta.

De um lado não ha administração, porque onde faltam condições de habilitação e responsabilidade ella não existe. De outro não apparece cooperação activa nem impulso economico, porque a administração municipal vive empenhada, não tem recursos, e mal póde com as despezas indispensaveis.

Mas esta é a base e não o todo da reforma. Em cada um dos gráus da delegação central administrativa se carece de emendar eguaes inconvenientes. Todo o edificio deve reconstruir-se da base ao tecto. A lei de habilitações e responsabilidade, e a dos accessos e jubilações são a base. A reforma da administração central é a cupola. A divisão das secretarias como está nem representa as necessidades do serviço nem os interesses sociaes que deve proteger ou fomentar. Neste ponto achamo-nos atrazados quasi um seculo.

Quem souber que extensão e que diversidade de materias competem á secretaria do reino pasmará de que seja possivel dar um passo. Aquelle ministerio dirige:

Toda a administração civil.

A policia.

A saude publica.

A agricultura, a industria e o commercio.

A instrucção e a educação geral.

As obras publicas!

E' uma encyclopedia, cujo movimento mesmo vagaroso e incompleto como não póde deixar de ser, equivale quasi a um prodigio. Em todas as nações cultas se acham divididos por differentes secretarias os negocios que esta accumula, porque se conheceu que a acção administrativa para ser util ha-de ser prompta, intelligente, e immediata; e nenhuma destas qualidades póde reunir um labyrinto onde implicam as materias mais incompativeis e peza sobre um só homem a resolução de negocios os mais heterogeneos.

A creação de um ministerio do Ultramar, agricultura e commercio.

De outro encarregado das obras publicas.

E de um ministerio da instrucção e negocios ecclesiasticos a par da anexação de algumas das actuaes secretarias dará em resultado o mesmo numero de ministerios, e a melhor divisão dos seus trabalhos.

Em quanto administrações especiaes não tomarem a direcção e tutela dos ramos mais fecundos do paiz, debalde se pedirá progresso e melhoramento. Quando as instituições resistem a uma idéa ou a idéa morre, ou ellas se reformam. E' a nossa situação. A experiencia falla a todos; a hora das realidades bateu. Aproveitemos o tempo, preparemos o futuro, e demos a esta nobre terra o que ella tanto deseja — futuro e organisação.

L. A. Rebello da Silva.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A ARTE.

GRECIA.

II.

ESCULTURA.

A esculptura attingiu na Grecia um gráu elevado de perfeição e grandeza, que nunca alcançou depois em nenhum outro povo antigo ou moderno. Os typos que os esculptores gregos nos legaram são ainda hoje os modelos do bello e do ideal, modelos que é possivel imitar, mas que não é dado aos artistas modernos egualar.

Os gregos comprehenderam perfeitamente o logar que pertence á esculptura nas artes plasticas. Dando-lhe uma importancia secundaria em relação á architectura, souberam ao mesmo tempo eleval-a ao sublime, pela perfeição das fórmas, e nobreza das linhas.

A esculptura desenvolveu-se distincta da pintura; e se por vezes a côr a veio auxiliar foi de modo que lhe não fez perder o seu valor proprio e natural, o que nasce da harmonia e belleza na imitação das superficies dos corpos organicos.

De todos os entes organisados os que a esculptura busca imitar de preferencia são os animaes; e não os animaes simples, senão os que occupam o logar mais elevado na escala do organismo. O homem, que reune á belleza da fórma a sublimidade do espirito, e a grandeza das paixões, é o objecto principal do culto dos artistas, é o seu modelo mais nobre.

A belleza do homem não é unica e invariavel; é impossivel determinar proporções e contornos que sejam a expressão inalteravel da belleza perfeita. Formado de elementos geometricos diversos, animado pela luz divina do espirito, o homem, considerado como modelo na arte, tem necessariamente muitos typos de perfeição. A formosura jovenil do Bacco antigo, é tão sublime como a magestade do Jupiter, ou a robustez do Hercules. O homem bello é uma harmonia, e a harmonia não resulta de uma só, mas de muitas combinações.

A phisionomia do homem, a sua cabeça tem sido o objecto de estudos serios nestes ultimos tempos; mas apezar dos trabalhos de Lavater, das theorias cranologicas de Gall, e das analogias de Tischbein, este objecto tão importante para o artista, e para o homem social não poude ainda entrar nos limites e nas proporções de uma sciencia. Nas obras sublimes da esculptura grega reconhece-se que aquelle povo tambem fez estudo profundo sobre o modo de representar o corpo humano, e de mostrar atravez das fórmas o sentir intimo do coração: porém na manifestação dos sentimentos, e sobre tudo das abstracções celestes da alma foi elle menos feliz, menos inspirado do que o mais modesto artista da meia-edade. Nas estatuas gregas a alma acha-se captiva, e como oprimida pelas fórmas; a perfeição da materia não deixa perceber o espirito que ella occulta dentro em si: nas obras dos velhos pintores hollandezes ou italianos ao contrario a fé, o sentimento transluz nos olhos, illumina o rosto descarnado, cujas fórmas são incorrectas e imperfeitas.

Antes porém de chegar ao seu periodo de perfeição na Grecia, a esculptura teve uma longa infancia, que começou com o primeiro estabelecimento das socieda-

des, e se prolongou ainda áquem da terminação da denominada *edade heroica*.

Dois principios differentes se notão desde os tempos mais remotos na esculptura primitiva da Grecia; um oriental, outro dorio ou antes helleno. O primeiro é simbolisado por Dedalo, que significa a arte oriental modificada pelo espirito grego; o segundo é representado por Smilis o pae da arte em Egina, que significa o naturalismo puro. A estatua de Ephéso é a manifestação mais notavel do principio oriental: a estatua da Juno de Samos, fabricada pelo proprio Smilis, é o ponto de que partiu uma escola, que só no tempo de Pericles se veio confundir com a escola attica, pela inspiração de Phidias.

A arte attica conservou sempre o cunho oriental, isto é, a convenção e a unidade, em quanto que a imitação e o movimento foram a regra das outras escolas gregas. Destas a principal foi a que existiu na celebre ilha de Egina. Os marmores do templo de Jupiter panhellenio, que hoje ornam a Glyptothéca de Munich, são o monumento precioso, pelo qual podemos estudar os caracteres dessa escola tão hellenica, e que tanta influencia exerceu sobre os tres ultimos periodos da esculptura grega.

As estatuas de Egina apresentam dois caracteres dignos de notar-se, e que as distinguem de todas as outras producções da esculptura grega. Ha em todas ellas um movimento fóra do commum; as inflexões são extremas, as atitudes angulosas e duras: a immobilidade, o quietismo simbolico da arte oriental não deixou alli vestigios alguns da sua influencia, a não ser no typo imbecil e grosseiro que affectam todas as cabeças. E' notavel o contraste da perfeição com que foram trabalhados os corpos, e da animalidade estupida das phisionomias: parece que estas eram conservadas tradicionalmente desde as primeiras estatuas de Smilis, e que os artistas eginios não ousavam modificar com mão sacrilega o legado do primeiro mestre.

Nas posições e movimentos das figuras, no relevo da musculação, e dureza dos contornos, sente-se que esta esculptura propriamente hellena partiu d'um primeiro dado, a madeira; que foi esta a materia prima dos trabalhos da escola eginia original. Além da observação directa, nós temos para nos confirmar nesta opinião a tradição que conta ser a primeira imagem da divindade que os gregos possuiram uma estatua de madeira cahida do céu; mais tarde, na epoca brilhante da arte, quando Phidias creava os seus typos divinos, Pausanias conta que o celebre Myron, inspirado pelo genio dórico, fizera em Egina a estatua da deusa Hecate de madeira unicamente.

Os marmores de Egina, como diz Fortoul, fazem lembrar pelas cabeças a epoca em que a estatuaria se empregava só nos objectos religiosos; pelos corpos elles deixam perceber o lado novo e original da arte grega: transluz alli o espirito de liberdade, o genio guerreiro, o amor do bello e o respeito á natureza. Nestes marmores lê-se a historia completa da arte antiga; os idolos, e os atletas unem-se n'um só corpo: mas a influencia destes ultimos vence em fim, por ser essa a expressão mais pura e natural do talento limpido da Grecia antiga.

A celebridade dos artistas de Egina nasceu principalmente da perfeição com que elles representavam, nos triumphos dos jogos nacionaes, as imagens dos vencedores. Foi ahi que elles estudaram a natureza, que aprenderam o bello, e tiraram força para dar uma nova direcção á arte.

A primeira epoca da esculptura grega em que as duas escolas, attica e eginia ou dórica, caminharam distinctas, é fechada pelos tres grandes artistas, que ao mesmo tempo começaram e quasi encerraram em si o periodo mais sublime e magestoso da arte. Phidias, Polycleto e Myron, todos tres discipulos de Ageladas, representam cada um de per si uma fórma diversa, uma expressão distincta da arte. Phidias é o interprete do ideal; Polycleto da graça; Myron da força.

As obras capitaes de Phidias são o Jupiter Olimpico, e a Minerva do Parthenon. Estas duas estatuas eram de ouro e marfim: ambas notaveis pela sua magestade, sobre tudo a do Jupiter de quem se disse «que quebraria o tecto do templo como se fôra uma simples casca, se se alevantasse da sua cadeira de ouro.»

As estatuas feitas de diversas materias foram muito usadas na Grecia. A do Jupiter, de que acabamos de fallar, tinha o rosto e as partes núas de marfim, os cabellos e o manto de ouro; segurava na mão direita uma victoria tambem de marfim e ouro, na esquerda um sceptro fabricado de muitos metaes, coroado por uma aguia: quatro Victorias formavam os quatro pés do throno que era ornado de baixos-relevos e pinturas; duas outras estavam collocadas diante das pernas do deus; leões de ouro compunham o estrado.

O modo porque os antigos applicavam o marfim ás estatuas foi ignorado pelos archeologos modernos, até Quatremére de Quincy publicar uma importante memoria sobre este assumpto. Nessa memoria o sabio archeologo francez descreve da seguinte maneira o processo pratico, porque se podia fazer esta difficil applicação. — Tirava-se do extremo dos dentes a parte solida que ahi existe e com ella se faziam cilindros, que depois de amolecidos pelo vapor d'agoa, se estendiam em laminas delgadas. O modelo da estatua era feito de cêra ou barro, com as dimensões exactas em que devia ficar, e depois coberto de gesso: traçava-se sobre elle linhas para indicar o feitio e numero de laminas que convinha empregar, de fórma que as juntas ficassem em pontos pouco visiveis; feito isto separava-se o gesso com muita delicadeza por onde estavam marcadas linhas, e por esse gesso se cortavam as laminas do marfim. Estas laminas depois, fortale-

cidas por taboas delgadas, eram unidas para formar a estatua.

Além das duas estatuas de marfim e ouro, Phidias moldou uma Pallas de bronze para Athenas, um Apollo e uma Diana para Delphos, uma Nemesis para o templo de Marathona, e finalmente uma Amasona denominada *de bellas fórmas*.

Polycleto, o mais gracioso dos esculptores do tempo de Pericles, creou o typo da Juno em Argos, e dictou as leis da belleza *gimnastica*. O ideal dessa belleza é o seu Mercurio: em que se nota a languida indolencia de uma natureza juvenil e robusta. O seu *Diadumenos*, que cinge a propria fronte com uma coroa de louro, é a expressão do repouso depois do combate: o *Doryphoros* (*porta lança*), é o guerreiro que caminha ousado ao combate e á victoria.

E' nas obras de Myron que se encontram mais evidentes vestigios do estillo hellenico: delle escreveu Plinio « Myron foi o primeiro que prodigalisou a variedade. Mais *numeroso* que Polycleto, e mais cuidadoso das proporções, e com tudo tratando com amor só os corpos, elle não exprimiu os sentimentos da alma, e não trabalhou tambem os cabellos e a barba com mais escrupulo do que os rudes escultores da antiguidade. » As estatuas de Egina são tambem contornadas por um grande numero de linhas, dispostas com proporção e harmonia; os corpos são, como já dissemos, de grande perfeição e acabado, em quanto que as cabeças são apenas vivificadas por um sorriso frio e estupido; os cabellos em fim são annelados e dispostos em linhas regulares, como nas estatuas ultimamente descobertas em Ninive. Deprehende-se daqui a grande analogia que existe entre Myron, o contemporaneo de Phidias, e os esculptores da escola eginea. Myron era dotado de um talento flexivel e ousado, que se lançava nas difficuldades extremas; foi elle o creador do circulo *athletico*; o *Diskobulos* que, apoiando o braço esquerdo no joelho, arremeçava com a mão direita inclinada para traz um disco pezado, foi muito celebrado pelos antigos. O ideal deste *circulo* foi o Hercules; expressão sublime e completa da força athletica.

Era como ornato da architetura que os gregos empregavam com profusão as admiraveis producções da sua esculptura. O mais precioso exemplo da applicação destes ornatos sublimes, é aquelle mesmo templo de Minerva em Athenas, (o Parthenon) de que fallámos, quando esboçámos a analise da architetura grega.

Cinco grandes composições ornavam este magnifico templo: os dois frontões, os *metópes*, o frizo do *náos*, e a Minerva. Estas composições foram todas nascidas da inspirações de Phidias; porém os artistas que as executaram não eram todos filhos da mesma escola, não seguiam os mesmos principios. Acham-se alli, como veremos, signaes evidentes dos dois estillos de que temos fallado; o attico e o dorio.

Os dois frontões representavam, um (o oriental) o *nascimento de Minerva*, o outro *a disputa de Minerva e de Neptuno*: ambos elles se compunham proximamente de vinte e quatro figuras, inteiras collossaes e não ligadas ao frontão, e de quatro cavallos. De todas estas maravilhas restam hoje apenas alguns fragmentos, trazidos por lorg Elgin, e que ornam o museu britanico. E' nestes restos dós frontões, que se póde estudar o estillo sublime de Phidias, e admirar a vida divina com que elle soube animar o marmore das suas estatuas. Os movimentos são livres, mas não são duros; as inflexões são grandes mas não angulosas: a imitação da natureza é alli verdadeira, mas magestosa, grande, e grave, como se nella se reflectisse o genio do oriente.

A estampa que damos aqui, representa um fragmento de uma estatua do frontão oriental. E' Theseu, um heroe d'Athenas: está representado n'uma atitude de repouso; reclinado sobre um rochedo cuberto por uma pelle de leão. O modo porque os musculos estão deliniados, a vida que palpita naquelle busto de pedra, o grandioso e a belleza da composição causam espanto a todos que teem a ventura de poder admirar esta obra prima.

Os *metópes* em que se representavam os episodios do combate dos Centauros e Lapithas, formavam uma outra serie de composições, cujo caracter era inteiramente differente deste que notámos nos frontões, como se vê pela estampa seguinte.

Estas esculpturas apresentam muita analogia com os marmores de Egina. Os movimentos são duros e excessivos, as physionomias são grosseiras e sem expressão: vê-se que os artistas que trabalharam nos metópes pertenciam á escola particular que se desenvolveu entre os povos puramente hellenos.

O frizo que corria em roda do *náos*, e de que damos um fragmento no principio deste artigo, representava a grande procissão e festa quinquenal dos Panatheneos. O relevo aqui é menor do que nos metópes; e assim convinha que fosse, por isso que o frizo estava collocado n'um ponto em que só de perto, e de uma posição inferior, se podia observar. Ha neste frizo, sobre tudo nas figuras de velhos e de mulheres que fecham o cortejo dos panatheneos, traços evidentes da antiga escola attica: as atitudes são severas e dotadas de uma grande unidade, as roupas descaem verticalmente, as pregas alongam-se em linha recta. Com tudo a inspiração de Phidias é evidente nos cavalleiros, cheios de vida e de fogo que animam a procissão.

Vê-se pois do que levamos dito, que foi no periodo mais elevado da arte grega, que as duas escolas oppostas se uniram pela influencia de um grande engenho; concorrendo simultaneamente para o engrandecimento da patria das artes, da soberba Athenas.

Depois de Phidias o ideal e a belleza, a graça e a perfeição uniram-se nas obras de Scopas e Praxiteles; que primeiro talharam estatuas de marmore só. Com estes artistas porém começou a decadencia da arte.

As obras mais notaveis de Scópas são a sua Baccante, belleza admiravel, cuja cabeça delirante e caida para traz, cujo corpo torcido pelo ardor da paixão, parece talhado por um deus. E' a Scópas que se attribue tambem o celebre grupo da Niobe; expressão sublime da dôr, da desesperação, e da formosura.

Praxiteles foi o chefe de uma nova escola, que teve por principio fundamental a graça, e a expressão: foi elle que creou os typos da Venus, da Diana, e de Bacco.

Os successores deste grande mestre lançaram-se na carreira desvairada das obscenidades, em que a arte acaba sempre por perder toda a grandeza, e por se tornar a serva humilde e impudica das paixões do rico.

Só mais tarde, em tempos de Alexandre, Lysippo de Syciona se fez notar pelo *acabado* dos seus trabalhos, e pelo modo maravilhoso porque soube fazer os retratos. Lysippo representou Alexandre em todas as epocas da sua vida gloriosa: n'um grupo admiravel moldou elle o heroe caçando, cercado de vinte e cinco estatuas equestres. Foi este esculptor que completou o ideal de Neptuno, diliniado por Euphranor.

Entre os successores de Lysippo, nota-se o celebre Charés; celebre não pela perfeição das suas obras, mas por ser o auctor do colosso de Rhodes. Tambem são dignos de consideração os trez escultores Agesandro, Athenodoro, e Polydóro, que compozeram o bello grupo do Lacoonte.

Com o estillo pathetico, de que o exemplo mais notavel é este grupo do Lacoonte, acabou o ultimo periodo da escultura grega. A decadencia, que até então tinha sido rapida, tornou-se completa pela exaggeração, e pelo *amaneirado*.

A nacionalidade grega estava extincta: o Romano vencedor tinha-lhe soffocado o genio, escravisando-a.

João d'Andrade Corvo.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVIII.

A maldição.

(*Continuado do n.° 21.*)

Sahindo da capella, o monge de Cister que a escandalosa devassidão do seu Barbato interrompêra no cumprimento de deveres para elle sagrados, soube de

um dos pagens que Martim Paes acabava de sahir do apozento de sua irmã. A occasião era opportuna; e fr. Munio não a quiz perder. Dirigiu-se sem demora ao sitio aonde pouzava a altiva dona, e principiou a subir os degráus da escadaria.

O primeiro impulso do frade tinha sido espontaneo — e filho do enthusiasmo religioso. Tratava-se de arrancar uma victima ao inferno, uma alma ao desespero; e o meio unico era aquelle. Os desgostos pessoaes, ou o máu gazalhado que naturalmente o esperavam, longe de entibiarem o seu zelo estimulavam-no. Sem o sacrificio das paixões e do orgulho do homem a boa obra que anciava consummar teria menos preço aos olhos do céu. O virtuoso monge estava prompto a offerecer até a cabeça em troca da vida e salvação do cavalleiro de Salzedas. O que o suspendeu de repente no meio da subida precipitada foi a reflexão de que todos os seus exforços se podiam resolver em fumo, como já lhe acontecera havia pouco. E o santo monge estremecia de receio só com a idéa de vêr tambem malograda esta tentativa — a ultima — porque depois della nada mais restava. Até alli não o tinha desamparado a fé. Confiando em Deus acreditara com demasiada facilidade na victoria. Mais perto do combate e no instante decisivo a duvida e o temor esfriando o coração fizeram empalidecer a esperança.

Conhecia o caracter de Maria Paes, caracter robusto e inflexivel como o do mais aspero barão da sua epoca. Para ella os affectos meigos e as graças do seu sexo eram fraquezas ou caprichos imperdoaveis. Costumada a mandar, affeita a luctar com a vontade tenaz de Sancho I, no largo noviciado da côrte aprendera a soffocar no peito tudo o que podia estorvar a carreira do seu predominio. Mais de uma vez ouvira estalar sobre a fronte as tempestade se sem arredar passo pela sua firmeza mantivera a disputada influencia. Os amores de uma rival talvez superior em belleza; o odio de ricos-homens e prelados; e os temores religiosos que cercaram nos ultimos tempos a longa agonia do seu real amante — todos estes perigos, capazes de soçobrar o valido menos timido não a demoveram. Resoluta mesmo diante da aversão manifesta do herdeiro da corôa assentou-se á cabeceira de Sancho I moribundo; e do mesmo modo que nos dias felizes o acompanhara nos prazeres e fadigas da vida, foi inseparavel delle nos dias de luto e amargura que procederam a sua morte. Só quando o véu do sudario cubriu o rosto de um cadaver, e o sceptro escapou da mão inerte para rolar aos pés de Affonso 2.º é que a orgulhosa dama deu o seu imperio por acabado, e quasi como rainha viuva respeitada e poderosa, se apartou dos paços aonde por bastantes annos morára a despeito de enredos e ameaças.

Para prolongar assim uma influencia que, (a fundar-se unicamente nas affeições ternas) ha muito se teria desvanecido, D. Maria por força tinha sido dotada de animo viril, de engenho prompto, e de constancia rara. Nunca deixou de premiar o menor serviço; nem de punir a mais leve injuria. Dissimulada e vingativa sabia escolher o momento, o logar, e a occasião para com o chapim bordado rebentar o gorgel de ferro dos rudes cavalleiros que a inveja ou as contendas de raça impelliam a travar com ella um duello de que nenhum deixou de sahir cruelmente magoado. Fr. Munio não o ignorava; e em segredo tinha admirado os recursos e o vigor d'espirito que a dama de Lanhoso desenvolvera nestes lances arriscados. Mas por isso mesmo é que receiava agora mais. A injuria fôra muito grande para se esquecer. Ferida no orgulho e na honra, entre a sua formosura e o cutello do algoz, tinha preferido o cutello; ao brando enlaçar dos seus braços a morte. Com duas palavras Gomes Lourenço lançou a filha da soberba raça de riba-Cávado no abysmo de abjecção em que jazem as mulheres vis, a quem o mundo arrôxa as faces com a infamia de um nome despresivel. O moço cavalleiro fizera della ainda menos do que a prostituta, que entre o remoinhar dos folliões e jograes nem sente já na fronte arder o stigma do escarneo social. — Como pois lhe havia de dizer o pobre monge. « Não te offenderam; esquece! ou fizeram-te uma injuria, perdoa! » Quem perdoara nunca uma affronta destas?

Fr. Munio previo que estas seriam as reflexões de Maria Paes, e não se enganou. Apenas sahiu da sala, aonde Gomes Lourenço tinha preferido a morte á sua mão, a irmã de D. Martim correu a incerrar-se no seu aposento para chorar em segredo não as lagrimas que nascem do coração, mas aquelle pranto convulso e agudo que é como um rugir de feras. A apathia succedeu ao primeiro impeto. Com o rosto entre os punhos adormeceu por muito tempo na insensibilidade phisica que trazem as crizes moraes. Quem a contemplasse naquelle estado julgaria que era uma alma sucumbida ao pezo da adversidade. Quem a observasse, porém, com maior attenção formaria diverso conceito notando mesmo no meio da prostração os exforços de uma vontade inabalavel; percebendo entre os gemidos do choro o vigor de um caracter robusto, prompto em domar as fraquezas e em vingar os ultrages. Momentos depois a atonia da dôr desvanecia-se, e a raiva estrangulava na garganta os suspiros que se queriam desafogar. As lagrimas queimadas pelo fogo da ira mal chegavam a molhar as pestanas. Vermelhidão sombria illuminava-lhe o rosto ha pouco branco de jaspe. Assim desfigurada pelo odio e contrahida pelo desespero aquella formosura angelica tomava a expressão dada por um pintor famoso á belleza sinistra do archanjo decahido. Eram tristes de vêr o sorriso convulso que morria fugindo nos labios; a vista ora accesa em chammas e logo mortal e fitta; e a ancia nervosa com que apertava o cabo do punhal prezo ao cinto. Lucta medonha e implacavel a deste coração roido de chagas incuraveis! No peito da mu-

lher que chega a padecel-as tudo espira menos as fataes paixões do orgulho e da vingança.

O monge de Cister sem a vêr já adivinhava qual seria o estado da sua alma; por isso no cimo da escada os pés recuavam e a vontade hesitava. A porta estava entraberta; dentro iam e vinham passadas irregulares. Fr. Munio duvidava se entraria. Com o corpo inclinado para diante e a mão nos umbraes sentia desfallecer o animo. Por fim decidiu-se envergonhado de si; e bateu de leve na porta.

— « Abri! » responderam de dentro. Abriu; mas apenas encarou D. Maria toda a esperança lhe fugiu. Antes de advogar a causa conheceu que a tinha perdido irremessivelmente. Varreram-se do discurso que havia concertado palavras e idéas. A severidade com que tencionava desarmar a resistencia do orgulho; a confiança no imperio da virtude e da fé; e a certeza das promessas divinas tudo bastou só o sopro de um sorriso para o desvanecer. É que tambem nunca na sua vida vira uma risada fria e feroz como a que deslisou na bocca della mal conheceu o monge, e advinhou o fim a que viera. Aquelle sorriso parecia deixar um rasto de sangue por onde passava.

— « A que vem aqui o devoto monge de Cister? » — perguntou com ironia:

— « A trazer-vos esperança e consolação. »

— « Não as pedi, padre. »

— « Mas deveis querel-as. Deus chama-vos; ouvi-o. »

A resposta foi uma risada que era um soluço e um rugido ao mesmo tempo. Escutando-a o monge sentiu que todo o corpo arrefecia; e que os cabellos raros e brancos se punham em pé de horror. Naquelle instante envelhecêra de dez annos.

— « Quem vos chamou aqui? » — continuou ella severamente.

— « A lei de Deus » replicou Fr. Munio com singeleza.

— « O teu dever, frade, era não entrares n'uma casa onde não és chamado nem desejado. Sahe! Não venhas perturbar o repouso ou a dôr dos que se podem esquecer um dia da bondade com que sempre te receberam. »

— « Já vos pedi esmola ou mercê Senhora D. Maria Paes? » — acudiu Fr. Munio erguendo a fronte. « Uma sêde d'agoa, o pão negro da penitencia, e o abrigo de um tecto dá a todos o mais pobre villão e sem o lançar em rosto, como fazem os cavalleiros e donas hoje... Recebi eu mais de vós, ou de vosso irmão? »

— « Má occasião de prégar, padre! » atalhou a irmã de D. Martim, virando-lhe as costas com enfado.

Então voltaram dobradas as forças ao monge. O seu corpo tornou-se direito de um impeto; e os olhos penetrantes parece que liam dentro d'alma; estendendo a mão ousou travar do braço, e suster á sahida a mulher orgulhosa diante da qual minutos antes vacillava. E quando mais espantada que raivosa D. Maria o encarou, em vez do padre manso de palavras e humilde de coração, que estava acostumada a vêr, encontrou a magestade e a grandeza de um propheta, que vem annunciar a voz de Deus e o castigo dos delictos.

— « Vê o que fazes, mulher! » — bradou com força. » Uma, duas, e tres vezes foste avisada. Obedece, e desvia da cabeça o raio que derrete na fronte a corôa dos reis, converte em cinzas os marmores dos paços, e em desertos a grandeza das cidades. Olha que hão de perguntar-te lá em cima como ao filho do primeiro homem. » Caim o que fizeste de teu irmão? Com que bocca te deffenderás? A vingança é cega e a soberba maldita.... ambas perderam os anjos. A voz das paixões falla; não a escutes; é o clamor do inferno.... Offenderam-te muito, bem sei, mas perdoar é ser grande, é ser misericordioso como Deus. »

— « E a vergonha, padre? »

— « Offerecei-a ao céu em sacrificio. »

— E a deshonra, a infamia escriptas no meu rosto pela mão delle?.... oh santo nono para esta injuria não ha perdão. »

— « Ha filha, ha-de haver. »

— « Cuspiram-me nas faces como ás prostitutas, e pedem perdão depois?!.. Elle quiz antes morrer do que dar-me o seu nome — esse nome de réis ou de principes!? — Tinha dó dos seus annos, quiz salval-o, e como pagou a misericordia? Com affrontas. Preferiu morrer!... Ahi a tem agora a noiva que escolheu!... Não padre, não ha perdão. »

— « Vós não sabeis a palavra que dissestes... » — exclamou Fr. Munio soffucado, — venho de o vêr, de o chamar por todos os modos ao caminho do céu. As lagrimas saltavam-lhe dos olhos e diante da cova a sua lingua e o seu coração não diziam e só viam um nome e uma imagem: a tua, D. Maria Paes! « A recusa custou-lhe mais do que perder a vida... a vida! Se o desgraçado só existe para penar de saudade e desesperação! E se elle amasse ainda? Se fossem zelos, ciume, e desesperação o que o levou a pedir a morte terias animo para o condemnar? »

— « Oh, que amores fataes foram estes! » — murmurou D. Maria com tristeza — porque havia elle!... Não póde ser, padre!... De nós um por força ha-de morrer, depois do que succedeu já não cabemos na terra os dois. »

— « Pela ternura de tua mãe, D. Maria!... »

— « Não posso. Quem arrancará o punhal das mãos a Martim Paes? Não o conheces?... Eu mesma que pedisse era... escarnecida. Era em vão. Gomes Lourenço tres vezes se negou a salvar-me a honra, salvando a propria vida. Soube o que recusava. Deram-lhe a escolher; queixe-se de si se escolheu mal. »

— « E não teve razão? Enganado, trahido, o que lhe importava a vida? Que mais tinha elle no mundo depois de enganado o seu amor?.... »

— « E elle não trahiu, não enganou? — Não me teve cinco dias encerrada nas suas torres para a calumnia assoalhar que a filha do solar de Lanhoso era a concubina do rico-homem de Salzedas, do valido de Affonso 2.°? Padre se elle amasse tinha-me negado a sua mão? Quiz vingar-se em mim, n'uma mulher. Amanhã se o deixassem iria contar aos cavalleiros moços d'el-rei como se compra barata a honra do solar de Riba-Cávado..... Por Santa Maria nunca o dirá! Ao menos não serei infamada pela lingua delle. »

Como todos os que meditam uma acção má a irmã de D. Martim oppunha ás palavras de paz a linguagem vehemente e o sofisma, que o crime nunca deixa de empregar. O que se passa no mais recondito da consciencia entre as paixões e o remorso, entre o anjo do bem e o anjo do mal; as razões que se pleiteam; as desculpas que se offerecem; essa apparencia de razão e de necessidade que o vicio e o erro nunca se esquecem de invocar diante da virtude e da justiça eram os pretextos com que D. Maria procurava justificar o assassinio premeditado.

Fr. Munio viu bem que não tinha de combater um impulso rapido e incoherente; mas uma resolução fria e assentada. A causa fôra discutida no coração e no cerebro antes de sentenciada. Quanto elle podia dizer já tinha sido dito debalde. — E seria conhecer bem pouco o caracter de Maria Paes o acreditar que ella desistiria de uma decisão tomada á custa de pezares e de grandes luctas moraes: porque para qualquer se despenhar no abismo padece agonias peiores ás vezes do que a dôr da victima que sacrifica. O monge de Cister entendeu que para a aballar carecia de levar pelo orgulho a mulher que não se vencia pela brandura do seu sexo. Era um plano habil. Se alguma cousa ainda a podia convencer era de certo a voz, que lhe fallasse em nome da paixão mais viva da sua alma.

— « E não adivinhastes ainda a causa? » — ensinuou elle com doçura — « o amor é o culpado.... »

— « O amor que o salve. »

— « E se tivesse fé nelle? »

— « Encarregou-te de m'o dizeres? » — acudiu ella com alegria e precipitação. O frade pediu perdão a Deus da mentira que ia dizer.

— « E se fosse elle!... Se molhasse das lagrimas do arrependimento a mão que lhe estenderam e repelliu na cegueira da sua dor?...

— « Era tarde. »

— « Pois se vos pedissem?... »

— « Respondia o que me responderam = Não! »

— « Pelo céu, D. Maria, perdoa para que Deus te perdoe tambem. »

— « Silencio! » bradou ella. « Ouvi. »

Na capella uma voz tremula, que a irmã de D. Martim conheceu ser a do velho abbade de Santa Olaia, perguntava:

— « Mancebo estás arrependido? Não levas deste mundo mais que o pezar de ter offendido a Deus?... »

— « Oh, não, padre!... E' só o que levo — e a saudade de pae e o amor de irmão. »

— « E perdoas a todos os que te offenderam? »

Houve uma pausa longa antes de se ouvir a resposta. D. Maria involuntariamente se aproximou da porta que dava sobre a escada e encostando-se ao umbral, palida como a morte, escutou com attenção. Fr. Munio cruzando os braços ficou no sitio em que se achava, verdadeira estatua da amargura. O que seguiu fez correr pela testa da dama de Lanhoso o suor frio da angustia, e pelo corpo do frade um repellão de terror.

— « Perdoar, padre?!... » replicou Gomes Lourenço decorridos alguns minutos. « Deus que lhes perdoe; eu não posso. »

— « Filho, a vingança fecha as portas do céu. Que importa que não leves as mãos tintas de sangue, se ella desce comtigo á sepultura cravada como um cancro dentro do coração. »

— « Não é a morte que eu peço a Deus para ella padre; a morte consola o que padece. Peço-lhe uma expiação tão dolorosa como o martyrio do calix de fel e peçonha de que essa mulher me deu a beber. »

Outra pausa succedeu a estas palavras. D. Maria não disse nada, mas olhou para Fr. Munio. Aquella vista queria dizer — « Vê como elle ama! »

— « A morte não, meu Deus, a morte não vol-a peço eu para ella » proseguia o mancebo em voz alta, triste, e solemne. » — Se o clamor do sangue innocente, como dizem, chega aos vossos ouvidos e exalta a oração dos que choram por justiça — escutae a minha e abençoae-a, Senhor. »

— « Filho, não invoques em vão o nome de Deus! » bradava o abbade.

— « Castigo do céu! » Murmurava em cima Fr. Munio.

— « A' mulher, que trahiu o unico amor desta alma, a maldição que lhe rogo já dentro da sepultura é que Deus lhe alargue a vida, e a sacie de dores como ella me saciou a mim. A formosura que me perdeu murche-se com o halito do sepulchro, aonde tenham descido os que mais amar. Antes da velhice o coração decrepito seque na aridez da desesperação. A' força de chorar apague-se para sempre a luz dos seus olhos; e fiquem em trevas alma e corpo. Os filhos de seus filhos reneguem diante della o sangue que os gerou; e o seu amor seja a maldição que persiga a quantos ella abençoar. »

— « Filho, filho, não digas mais.... » soluçava o abbade com ancia.

— « Durante as noutes sem repouso — proseguiu o cavalleiro de Salzedas — o remorso, repita na solidão estas ultimas palavras do moribundo: « Fizeste meu filho orphão fica tambem orphã dos teus. Tu que tornaste desgraçado a quem te amou, nunca mais conheças a alegria. Separaste o irmão do seio d'outro irmão possas tu em breve chorar sobre o cadaver do

unico que te restar..... Morta para tudo dê-te Deus só existencia para a dor. O pranto e a saudade sejam os companheiros inseparaveis do teu desterro. A morte pedida por ti a Deus como alivio, cortando em flor o que mais amares, passe sem se abrandar e deixe-te viver!.... Acabei com as cousas da terra; falla-me agora das do céu, padre.»

Apenas acabou de resoar esta imprecação tudo cahiu em mortal silencio. A proximidade da morte dava ás palavras de Gomes Lourenço um caracter quasi profectico. Fr. Munio ajoelhou e com a face em terra principiou a orar com fervor. D. Maria com a mão unida ao peito apertava-o como para que não arrebentasse com o bater do coração. Vêl-a, e vêr o vulto silencioso do desespero era o mesmo. Consternada e vergando ao brado interno da consciencia na suprema apathia do terror gelou-se-lhe o sorriso ironico, que ao principio adejava nos beiços. Como se fosse petreficado o escarneo ficou escripto na bocca immovel, em quanto a ancia confrangia as mais feições e o suor da angustia innundava a fronte. Era porém um espirito vigoroso e um caracter d'aço. Dobrou, mas tornou a erguer-se. De novo se retrataram no seu rosto as paixões e a vontade firme de as satisfazer.

Olhando com piedade para o monge ajoelhado, na voz com que lhe fallou não era facil perceber a menor tremura. — «Que faz ainda aqui o santo e devoto nono de Cister — exclamou ella — «quando o peccador se endurece na culpa, e os deveres da religião o chamam a outra parte?»

O frade estremeceu, não da reprehensão injusta, mas do tom motejador em que foi dita. Poz-se de pé; e hirto de espanto não tirava os olhos della. Mal podia comprehender que n'um peito de mulher coubessem tanto valor e tão ferinos instinctos. D. Maria era grande no crime, porque nascera com indole para ser grande na virtude se para ella a tivessem creado.

— «Deus se compadeça do que morre! — acudiu elle em voz submissa. — Para vós é que eu lhe peço arrependimento e salvação; para vós que estaes condemnada se não aproveitardes os momentos.»

— «E quem é o juiz, devoto padre?» redarguiu ella com fingida admiração. «Sois acaso embaixador e Legado do Senhor dos imperios junto a esta humilde peccadora? Fallaes como se não vos faltasse mais do que despedir o raio fechado na mão!»

— «Fallo em nome do céu, mulher orgulhosa. Em nome de Christo, a quem o fumo do sangue que derramares, desviará de ti a face e o perdão. Ainda uma vez; está na tua mão a vida de um homem, a vida do corpo e a da alma. Abre-a, e o cutello já alevantado não corta....»

— «Se estivesse, padre, fechava-a cem vezes.»

— «Peito de tigre!» — clamou o frade quasi louco de magoa — «Não sabes que o espirito diante da eternidade se despega dos limos corruptos da carne, e os olhos que deixaram de vêr na terra, abrem-se na immensidade do futuro? Mulher, por teu irmão, arreda de cima da cabeça aquellas maldições do moribundo. Cá dentro sinto que se hão-de cumprir!»

— «Temores de creanças, velho. Nunca tive medo.»

— «A cholera d'el-rei....»

— «Não ressuscita os mortos.»

— «O remorso?!»

— «E' uma illusão como outras.»

— «Olha que vem tarde o arrependimento....»

— «Arrependem-se os fracos, eu nunca.»

Fr. Munio tornou a ajoelhar, e desta vez foi diante della. Chorava aquelle velho tão austero, que nos combates nunca desfallecera, que nos rigores da penitencia mal nascia um desejo, apenas sonhava um affecto mundano, rasgava o peito com os espinhos da maceração, e arrastava a fronte nas cinzas da humildade. Chorava como uma creança. O coração nunca lhe vertera sangue como agora; é que estimava esta mulher; admirava nella o vigor, a energia, a indole viril, e via-a despenhada e perdida.

No seu peito morto para as paixões do seculo uma voz, um instincto, talvez mais um affecto irresistivel o inclinavam para esta raça, de que tantos crimes não podiam deixar de accordar a justiça de Deus. A razão de tal simpathia, ou antes amizade como todo o passado da sua existencia, era um segredo cunhado profundamente com a lousa debaixo da qual enterrara á porta da clausura o nome, a gloria e a esperança.

— «Sou um pobre monge» — disse elle em tom repassado de sinceros prantos — «mas a estas mãos desce o rei dos reis no sacrificio incruento. Com a bocca risonha e sem tristeza tenho levado por este valle de lagrimas a minha cruz, e Deus sabe se é pezada e se das vezes que tenho cahido os joelhos não escorrem sangue!.... Nunca me prostrei a homem nenhum; ministro do maior dos Senhores não por orgulho, mas por dever fallei verdade a todos como a ensinou Christo, e eu a entendo.... E estou aqui agora beijando a terra que pizas. Ouve-me, escuta-me, D. Maria pelas dores da paixão!.... Aquelle mancebo padece tudo isto por amor de ti. Morreu já da alma; as feridas do corpo só lhe darão a paz do tumulo. Hontem era rico, nobre, invejado; hoje o que tem de seu? Tres respirações curtas; o lençol da sepultura; e sete palmos de terra para se enterrar. Perdoa, D. Maria, perdoa, se queres viver feliz. Nunca tu saibas (oh nunca!) o que é não cerrar os olhos nas agonias da noite, sem accordar sentindo carregar no peito a pedra de um sepulchro e a mão da tua victima que peza a eternidade.»

— «Padre erguei-vos, não deveis, não podeis estar assim.....»

L. A. Rebello da Silva.

(Continua.)

Na Imp. da Epoca — Travessa do Guarda Mor N.° 8.